

# Recessão será o preço do ajuste da economia em 90

Nilton Horita

SÃO PAULO — A recessão será inevitável, seja qual for o novo presidente. Este é o cenário de 1990, na opinião de empresários e economistas, que o consideram o preço a ser pago pela recolocação do país no caminho do desenvolvimento. E o sacrifício deverá ser de todos, admitem eles. "Para curar o mal maior que vivemos hoje haverá dor. Não haverá milagre. Já não podemos errar mais", afirma o economista Adroaldo Moura da Silva, diretor da Corretora Silex e ex-vice presidente da área internacional do Banco do Brasil. "O objetivo deverá ser o de melhorar a saúde das finanças públicas", diagnostica ele.

O presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Leo Wallace Cochrane Júnior, por sua vez, avisa que a sociedade irá pagar um preço caro no curto prazo para se consertar o país a médio prazo. "O mais importante é que teremos um presidente novo, com equipe nova, com vontade de acertar. Mas o mais importante é que ele terá sido eleito pelo povo e, portanto, terá o apoio da sociedade para as medidas necessárias, mesmo que impopulares".

Cochrane lembra que aos banqueiros a

mudança não assusta, mas traz entusiasmo.

Os bancos, realmente, são perdedores diante de um quadro de inflação baixa. O diretor gerente geral do Banco Multiplic, Manoel Cintra, por exemplo, lembra que as instituições financeiras passarão a centralizar sua rentabilidade nas comissões sobre negócios e na cobrança pelos serviços realizados, não mais no fluxo de caixa e no *spread*. "Não haverá muitas operações de crédito", prevê Cintra. Na visão do Multiplic, o ano que vem será constituído de recessão, mas com um bom desempenho nas Bolsas de Valores e mais liberalização da economia, inclusive com abertura ao exterior.

"Com qualquer plano que se fizer haverá recessão", concorda o economista José Augusto Savasini. "Mas será uma recessão diferente da que já vivemos, pois as empresas estão com grande liquidez e baixos estoques. Ou seja, não haverá grandes quebradeiras. Não será igual, por exemplo, ao período de saída do Plano Cruzado, quando as empresas foram falindo umas atrás das outras". Na verdade, a receita é a mesma: forte ajuste fiscal, com profundo corte de gastos, implicando em sacrifícios gerais com a queda do ritmo da economia.